aroeira

espaço cultural mané garrincha

Boletim nº 02, julho/2009.

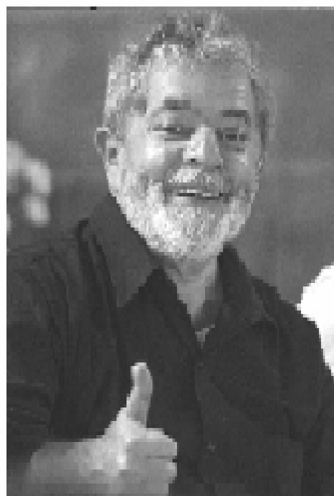
Lula em 3Ps



PEÃO



PELEGO



PATRÃO

Lula-lá 2

Introdução (A D E A)

R e f r ã o :

A D
Lula é bosta
E
Que a gente
A
Não gosta
A D
Diferente bosta,
E A
Bosta que brilha.
A D E
Pairando, pairando sob o céu
A
De Brasília.

E s t r o f e :

A D
Zero é a fome
E A
Que todo morto tem
A D
Me desemprega hoje,
E A
Amanhã você também!

A D
Grande e pequeno
E A
Não faz discriminação
A D
Mensalinho e mensalão!
E A
Mensalinho e mensalão!

A D
Invade terra dos outros
E A
Como se fosse aqui
A D
Fora tropas do Haiti!
E A
Fora tropas do Haiti!

R e f r ã o

A D
Compra sindicatos
E A
Lesa nossas conquistas
A D
Cresce o desemprego
E A
Na reforma trabalhista.

A D
Lucros pra banqueiros
E A
Pro pobre bolsa família
A D
Esmola que humilha!
E A
Esmola que humilha!

A D
Pra agradar amigos
E A
Ele é muito criativo
A D
Cartão corporativo!
E A
Cartão corporativo!

R e f r ã o

A D
Reforma educativa
E A
Escola sem qualidade
A D
Salas super lotadas
E A
Ensino pela metade

A D
Ameaça o Velho Chico
E A
Com a transposição
A D
Mais miséria no sertão!
E A
Mais miséria no sertão!

A D
Sojas transgênicas
E A
Brotando em todo canto
A D
Pau mandado da Monsanto!
E A
Pau mandado da Monsanto!

Obs. E se Lula obra de lá, a gente obra daqui:

Letra - obra de Carone;

Música - obra de um amigo do Carone;

Readaptação musical - obra de outro amigo de Carone.

EDITORIAL

Nos gramados de cá

I – Araguaia – diante do silêncio da boca grande do sapo-barbudo Lula da Silva e da covardia atual do hoje, PC do B, convertido em Partido Capitalista do Brasil, o bico do passarinho Curió anunciou a tragédia de trinta e quatro anos atrás.
Contrariamente ao "amigo do Homem" (curió na língua tupi guarani), o canto do mau agouro do Major Curió revelou em detalhes aquilo que toda pessoa séria intuía: o massacre de seres humanos na denominada Guerrilha do Araguaia no final dos anos sessenta e início dos setenta.
Em entrevista ao jornal Estado de São Paulo, o ex-militar, ex-deputado pelo PMDB e agora prefeito cassado de Curionópolis/PA (curioso nome esse, não acham?) por compra de votos e abuso de poder, Sebastião Rodrigues Moura, o Major Curió, contou tranquilamente o seu *heroísmo* e o de seus comparsas fardados, verde-oliva por fora e estadunidenses por dentro, como executaram quarenta e um guerrilheiros desarmados e que já haviam se entregado a esses facínoras. Para mostrar sua *valentia*, Curió, aos 74 anos disse que, se preciso fosse, voltaria a combater e, claro, executar gente desarmada.
Taí, a História da pátria amada Brasil e suas *glórias no passado*, vindo à tona pela boca/bico de um dos algozes do povo.

II – Torturar indígenas agora é lei – policiais federais, homens que se formam para "proteger" a nação, deram-nos bom exemplo de como exercitam com seriedade a dita função.
No dia dois de junho último esses gorilas, para reprimir uma manifestação indígena, torturaram uma mulher idosa e quatro homens da etnia tupinambá, no sul da Bahia. Choque elétrico, tapas e chutes, pisoteio nas costas e ameaça de morte fez parte da selvageria do homem branco fardado. Com isso, esses senhores mostraram o que essa corporação aprende em seus estudos, ou seja, índio que não foi exterminado ao longo da triste história brasileira poderá sim, ser torturado. Do conflito entre o direito de posse respaldado na tradição e o direito de propriedade privada, a polícia federal já deu seu parecer. Latifundiários, fazendeiros e patrões do agronegócio se regozijam pela eficiente defesa de seus patrimônios advinda das garras de tão honrosa instituição.

III – Teoria do amigo do Lula, senador Sarney: quem rouba manda e quem manda rouba – democracia falaciosa, essa em que vivemos, indicia um deputadozinho aqui, um senador de pouca monta ali, por vezes, caça até governador descuidado acolá (vejam o caso do ex-governador Jackson Lago, PDT do Maranhão). Mas, quando o político é o resultado de um emaranhado de tramóias palacianas ele pode tudo: rouba, faz demagogia e recebe apoio explícito do presidente de plantão.
Não era para menos, durante o mensalão, encabeçado pela gangue de Lula, Sarney mostrou-se solidário com Lula e seus quarenta ladrões, porque Lula não retribuiria o favor ao coronel do maranhão quando este se encontrasse em maus lençóis?
Coagindo seu partido, o PT, Lula conseguiu que suas marionetes petistas no mesmo dia passassem da exigência de renuncia do senador Sarney para uma descarada defesa do mesmo, e para tal lançaram a idéia de uma "profunda" reforma e investigação no senado. Claro, como já é de praxe o nome de todo político estar envolto em maracutaias, esfria-se tudo e o autor de Marimbondos de Fogo sai ileso dessa, e o ferrão vai mesmo é para o povo, esse sim, continuará ferrado!

Nos gramados de lá:

I – EUA ou, quando a água bate na B. – chegando a casa dos 10% da mão de obra ativa, o desemprego nos Estados Unidos segue em frente deixando um rastro de dor na consciência e no estômago do estadunidense empobrecido. Não, não será calando o orgulho racista, admitindo um negro na Casa branca (feita para brancos), ou pegando carona na barca da morte que conduz outro negro para a não-vida que a economia deles irá se recuperar. O negro Obama vivo e o negro Michael Jackson morto nada mais são do que a expressão de uma sociedade de semimortos, onde brancos tentam desesperadamente salvar seus investimentos, para isso vale tudo, inclusive apelar para negros, desde que não seja um Mumia Abu-Jamal, numa sociedade que sempre viveu a caça de negros. É a coisa tá branca!

II – Honduras – com a deposição em curso do atual presidente hondurenho, Manuel Zelaya, o Mel, como é conhecido por sua gente, pode-se estar inaugurando, ou melhor, revivendo um triste capitulo em Nuestra América, o dos regimes ditatoriais. Zelaya está longe de ser um governo

revolucionário, não obstante, ao ser seqüestrado pelas Forças Armadas de seu país em colaboração com as Forças Armadas da Costa Rica (sem o conhecimento do presidente desse país), revelaram apenas a intolerância e subordinação das Forças Armadas, orientadas pela CIA, desses países latino-americanos aos interesses externos.
Ao propor uma consulta popular para alteração da constituição do país, criando leis mais democráticas; ao tender para o ingresso na ALBA de inspiração cubano-chavista e por fim, ao tentar quebrar a patente de remédios, com isso facilitando o acesso a medicamentos por parte da população mais carente, Zelaya desencadeou a fúria das multinacionais, especialmente as da farmacologia. Essas multinacionais e seus dólares puseram em marcha os seus meninos fardados, hondurenhos de origem, servos do capital estrangeiro e imperialista na prática.
O povo hondurenho tem feito a sua parte, resistindo com dignidade, apesar da fragilidade e vacilações do governo deposto Zelaya. Lutadores do mundo todo, revolucionários e progressistas, têm colaborado mantendo protestos diretos na porta das embaixadas e consulados desse país irmão. Pressionar pela ruptura de relação do governo brasileiro com o governo usurpador e fascista de Honduras faz parte de nossa atual pauta de luta. Lutar pela unidade dos povos é nosso dever!



Sem piedade, Mané!

O filho varão não veio, mataram o seu maniná; o joelho não tomou jeito e o seu futebol não voltou. Mas o amor que cantava – a grande Elsa Soares! – que desejou e teve, resistiu ao temporal.

Quando da primeira grande crise, o Santos quis comprar o seu passe. Recusou a oferta o orgulho bobo dos dirigentes de General Severiano: só trocando por Pelé! Dizem que os próceres do futebol são bons negociantes; vai-se ver, são uns calhordas do negócio: move-os o orgulho irracional. Quando xingados, dão-se ao luxo de deixar apodrecer 300 quartos de boi, em lugar de vendê-los a preço de gente. Tal como preferem deixar Garrincha apodrecer de maduro.

Como está Garrincha, como está o seu futebol, como estará? Um enigma. A piedade é a mais assassina do amor. Se nos tempos de fúria amorosa da platéia, Garrincha valia 500 milhões, em tempos de piedade 150 milhões é muito: quem vai pagar, por uma incógnita, os 300 milhões pretendidos pelo Sr. Nei Cidade, digo, o Sr. Neciedade?

Generoso Nilton Santos! “Liberte o Garrincha, dê-lhe o passe de presente!” Nilton sabe que isso é inviável. E o vexame de Garrincha, pondo-se em leilão, com o passe na mão, virando mendigo de porta de igreja ou pedinte de fila de ônibus e cinema?

“Veja, doutor, o estado do meu joelho: não melhora e não desincha. Meu nome é Mané Garrincha: já fiz mandinga, operação e injeção; tenho mulher e oito filhas que já não posso sustentar – e não sou cigarra para viver só de cantada. Eu preciso me curar para voltar a trabalhar: eu não sou mais tão moço, mas se me tratar e me curar, volto a ser bom como no único ofício que tive e tenho – e que é trabalhar com a bola. Já dei copas ao Brasil, já recebi abraço de rei, já fui alegria do povo e até apareci em fita – o doutor não acredita? Não faz mal, eu compreendo. Compre o passe, está a bom preço – está barato, não está? – e quem sabe vou de novo receber abraço de rei. A vergonha não passa nunca – mas este momento passará”.

Recuse a piedade assassina, seu Mané! O que você desaprendeu pode ser aprendido de novo. Lute até o fim como o Corisco diabólico do filme genial de Glauber Rocha! “Mais fortes são os poderes do povo!” Onde a Comissão Técnica vai arranjar quatro pontas-direitas iguais a você? Três? Dois? Um? Nenhum – se você se recuperar!

Décio Pignatari

Notas do poeta e proponete desta crônica (Souza Lopes):
A crônica acima foi escrita por Décio Pignatari em 1965, publicada na Folha de São Paulo, e depois republicada no (belíssimo) livro *Contracomunicação* (Ed. Perspectiva, 1973).

Décio Pignatari foi um dos criadores da poesia concreta. Ele, os irmãos Campos (Augusto e Haroldo) e mais uns outros deram uma sacudida geral na geléia geral da poesia brasileira.

A morte do homem e da mulher formiga

"eu fiz um pacto com a prostituição a fim de semear a desordem por entre as famílias"
Maldoror


Salvador Dalí: O grande masturbador

Vinte e cinco séculos percorridos e nada das formiguinhas desistirem. Basta olhar para baixo e lá estarão elas e, se sonham grande, dão por escalar paredes e nada mais.

Dispensa-se a esperteza para saber o que é uma trilha de formigas, pois esta sempre será a mesma, um caminho estreito, feio, feito por e para elas não só trabalharem, bem como bater cabeças umas nas outras.

Fala-se que outrora, exaustivamente, elas faziam tal percurso carregando folhas para a moradia e que posteriormente, após singular ruptura dada pela invenção da República das rainhas-filósofas, passaram a carregar certificados e identificações afins.

O fato é que nesses séculos todos, salvo as pretendentes ao cargo de rainha, rainha filosofando que é bom não surgira uma sequer. Mas, e as tais formiguinhas? Essas vão muito bem! Percorrem distâncias longínquas levando seus certificadozinhos na cabeça e com isso testam seus limites.

Eis o resultado aqui chegado, ilustrado pelo século XX, desse eterno caminhar: duas guerras mundiais, a liquidação de judeus por alemães nazistas, a liquidação de palestinos por judeus sionistas, o extermínio de povos originários inteiros (simplesmente pela recusa em portar certificados!), a devastação de florestas, a poluição de rios e mares, crianças que carregam um adulto em seus corpos juvenis, adultos que não conseguem livrarem-se de sua infantilidade retardada, produtores famintos recusados pelas coisas (coisas produzidas por suas próprias mãos). E também, como não poderia deixar de ser, a produção sistemática de teses, teses e mais teses que, de tempos em tempos, serão afogadas em vinagre para, quiçá, afastando o cheiro de bolor, despertar possível apetite futuro. Claro, não esqueçamos da produção dos já citados certificados e das formiguinhas sempre prontas a carregá-los, pois, *assim caminham as formiguinhas!*

Propostas de manutenção do mundo das formigas:

I – Demolição do muro que envolve a universidade e construção imediata do muro-de-vidro-concha-aconchegante ao redor da mesma[1];
I – Convênio e construção imediata de uma casa de cultura Mcdonalds no interior do campus. Fica desde já estabelecido que as refeições serão servidas em pratos coloridos de amianto;
I – Ônibus especial cuja trajetória possibilite conhecer melhor a comunidade. Destaque para os lencinhos-do-adeus, fartamente distribuídos a todos, porém, somente podendo ser acenados quando o veiculo passar pelas favelas da região.
I – Bolsa auxilio-barracas. É o que mais se tem de moderno no mundo atual (vide Estados Unidos e Japão). Todo aquele (a) que não tem onde morar, agora não se sentirá mais desamparado pela instituição do saber. Bastará preencher o questionário sócio econômico e uma comissão irá analisar cada caso[2].

[1] Cidadania não se teoriza, se pratica! Aproveitando o potencial de aproximação com a comunidade, bem como a farta distribuição de bolsa-auxílio, em caráter emergencial deverão ser contratados para este trabalho, tantos os futuros doutores, assim como moradores da região. Cinqüenta por cento em número de vagas para cada parte mencionada e ficando já estabelecido a divisão do trabalho, onde os primeiros ocupar-se-ão da parte norte da construção e cabendo aos segundos a parte sul, evidentemente. A reconstrução se dará por outras pessoas, ainda que do mesmo tecido social, cabendo apenas manter a divisão das estruturas em grupos Norte e Sul, respectivamente.

[2] Importante: não esquecer de por o X no questionário do quesito auxilio-moradia.

I – Uso obrigatório de crachás no interior do campus com o seguinte dizer: *a coisa*, logo acrescido de dois pontos e o nome da coisa em questão.

Proposta de morte para o homem e mulher formiga
(morte parcial e sangramento derradeiro)

Não sabemos muito bem como se deu o processo de ressurreição e salvação em causa própria por Aquele que se propunha salvar o outro, incluso o seu inimigo. De qualquer forma a salvação será sempre uma tentação da qual ninguém jamais escapará.

Para o homem e mulher formiga tal possibilidade é real, aqui e agora mesmo em nossa boa mãe Terra. Para isso basta aceitar ao menos uma consigna fundamental: MORREI HOMEM E MULHER FORMIGA; RESSUSCITAI O HUMANO DENTRO DE CADA UM DE VÓS!

Vestígios dessa morte e busca poderão ser encontradados no seminário surrealista, cujos protagonistas (tão formigas: obedientes e medrosos de chuva, como a qualquer um de vós), deverão apresentar em uma das unidades do pensamento fatiado, *a sala de aula!*

Dois tamanduás, cada qual com seu respectivo focinho-aspirador, os esperam, Luis Buñuel e Salvador Dalí. Dois filmes, dois punhais (ou bisturis se preferireis), vos conduzirão a uma boa morte, UM CÃO ANDALUZ E A IDADE DO OURO.

Como parte integrante, instigante e instrutiva haverá uma cópia expositiva da obra de Salvador Dali “O Grande Masturbador”, o que deverá ilustrar e ancorar a leitura do poema “Ode a Masturbação”, trabalho de um dos seminaristas dedicado ao finado Papa João Paulo 2º (quando este já se encontrava moribundo), e graciosamente estendido ao querido e atual Papa Benedito XVI, ponte entre nós, moradores do andar de baixo com Ele, o Morador do andar de cima.


Salvador Dalí: Nu na água.

Nada se deve temer, afinal, como já dizia o outro, ou a morte é o *eterno sono* onde nada acontece ou, do contrário, há sim o Paraíso das formigas, repletos de folhinhas, açucares, sem tamanduás e inseticidas em geral e claro, uma boa rainha-filósofa sempre disposta a ser bem servida. Se da morte pouco sabemos, fica-nos a tranqüilidade (para nós homens e mulheres formigas), a de uma grande viagem que poderá começar pelo focinho de um tamanduá e terminar no final de seu intestino grosso.

Venha, pois a vida é feita de cérebros, músculos, sangue, suor e sonhos! Venha sem receios, só não esqueça seu guarda-chuva, sua identidade, seu bom dia.

Leituras interessantes:
-OS CANTOS DE MALDOROR - autor: Isidore Ducasse.
-HISTÓRIAS DE CRONÓPIOS E DE FAMAS (especialmente a crônica “como matar formigas em Roma), autor: Júlio Cortázar.
-A CONSTRUÇÃO DA MURALHA DA CHINA - autor: Franz Kafka.

Unifesp campus Guarulhos, maio de 2009,
Os proponentes.

Nota de esclarecimento:

O presente trabalho é parte integrante de um seminário apresentado no curso de filosofia no ano corrente a respeito do movimento surrealista. Dando continuidade a riqueza da temática e agora em um espaço mais agradável do que a sala de aula, o nosso Espaço Cultural Mané Garrincha, exibiremos e discutiremos o filme O Cão Andaluz de Luis Buñuel e Salvador Dali.

Dia: 01 de agosto - Hora: 18h

O grito

O rapaz recém separado largou tudo para morar num conjunto habitacional na periferia da cidade – mas isso é o menos importante, até porque ele estava contente e feliz. A periferia e o trem cheio não eram bichos de sete cabeças, dava pra tirar de letra. A temida violência também não era coisa de outro Mundo, conforme ele pensava, ladrão não costuma roubar pião.

E tudo seguia bem, exceto um detalhezinho, exceto um fato que a teoria e a estatística antecipavam, mas que não se observava no antigo bairro do rapaz. Sim. Havia um time verdadeiramente do povo, e não era o do rapaz. Isso o constrangia um pouco. Ele queria se integrar totalmente naquela comunidade que o recebia bem e que ele respeitava, mas havia esse problema. Havia o time do povo, que não era o dele.

Presenciou vitórias do time do povo, e alegrava-se sempre, pela simples razão de que todos ficavam felizes. Os gritos e as explosões de alegria contagiavam o rapaz, que até chegou a ter vontade de comemorar também.

Mas ele lembrava-se de seu nome – derivado de jogadores de seu time do coração – e se reprimia. Lembrava-se das façanhas de seu time – poucas vistas e muitas contadas por seu pai – e se reprimia. Lembrava-se da primeira vez que viu seu time campeão – justamente em cima do time do povo – e se reprimia. Enfim, não comemorava os gols do time do povo, mas se alegrava vendo a vibração nas janelas, nas ruas, calçadas...

Só que havia um probleminha. No fundo do coração do rapaz havia uma dor, todas as vitórias do time do povo, toda aquela alegria não podia compensar a falta de vitórias do seu próprio time, que já acumulava três tropeços. O moço chegou a pensar que seu time poderia ser o do povo, seria maravilhoso. Mas isso não era verdade, era preciso encarar a realidade de frente. Seu pai não poderia ter contado aquelas façanhas para todos os filhos do povo.



Ok. Que fosse assim. Mas, no fundo no fundo, o rapaz sentia muita necessidade de mostrar que seu time também era amado, ainda que não fosse o do povo, e apesar dos tropeços.

Eis que um dia os times do moço e do povo jogaram no mesmo horário, por campeonatos diferentes, mas no mesmo horário. O rapaz ouvia o jogo no radinho, e torcia dentro do trem, balançava os braços e gesticulava. Pensava que o trem era um ótimo lugar para demonstrar amor por um time. Mas terminou a primeira etapa, terminou a viagem e o gol que garantiria a classificação não veio.

O moço acelerou os passos e chegou em casa para assistir a segunda etapa da partida. Mas... Logo de início a decepção. Todos os canais de TV transmitiam o jogo do time do povo. O rapaz sentiu um aperto no peito, sentiu-se minoria. Pensava nos craques que jogaram por seu time, pensava no seu pai torcendo do outro lado da cidade. Aí pensou em ouvir a partida pelo rádio novamente, mas não teve forças, o adversário parecia estar sempre a meio caminho do primeiro gol, que seria fatal.

Decidiu acompanhar tudo pela internet, porque um gol sofrido pela rede de computadores dói menos que um sofrido pelo rádio, apesar de se saber que a rede balançou da mesma forma. É como uma injeção letal, um 1 x 0 pela net seria uma morte sem dor. Então abriu no computador uma tela com os resultados da rodada e as informações atualizadas: tempo, comentários, placar...

Alguns minutos depois houve uma explosão de alegria no conjunto habitacional: xingos, fogos, gritos... Era gol do time do povo. E o computador depois atualizou e confirmou a intuição. O tempo passava rapidamente. O time do moço não levava gols, mas não os fazia também, e a classificação ia ficando com o adversário. E então mais xingos, mais fogos, mais gritos... Outro gol

do time do povo, pensava o angustiado rapaz com seus botões. E pouco depois o computador confirmou as suspeitas.

Havia alegria no bairro. Mas o moço estava amargurado. Um golzinho! Só um golzinho! O rapaz queria mostrar seu amor também, queria mostrar que seu time também existia. Mas o cronômetro passava dos 40 e nada. Ele não conseguia mais se manter parado em frente à tela, levantava-se, ia da sala pra cozinha e voltava. Os pensamentos se sucediam. Que histórias do seu time ele contaria? De quais craques falaria? De que vitórias? Haveria um dia somente o time do povo?

E então ele ouve outros gritos. Eram meio estrangulados, meio distantes, meio roucos. Ele pensou que aqueles não eram gritos de gol do time do povo. É preciso velocidade. O rapaz corre pro rádio, ouve do locutor. É gol:

- Goooooooooooooool!
- Que golaaaaçoooo! Um petardo aos 42 do segundo tempo!

O rapaz corre do rádio pra janela, decontrolado. O verbo se fez carne, e a carne se fez verbo, se fez berro, se fez festa, se fez grito:

- É goooooooooooool! Porraaaaaaa! Caraaaaaaaalho! Gooooooooooool!

Chico



DITABRANDA (1964 - 1985)

É FRIA (s)!!!

Calendário Do Espaço Cultural Mané Garrincha

- 25/07 – Sarau a partir das 18h

- 01/08 – Discussão de conjuntura, 15h30

- 01/08 – Exibição do filme O cão andaluz, de Luis Buñel e Salvador Dalí, 18h

Atividades

- Grupo de estudo de O capital, de Karl Marx. Formamos 05 grupos para discutir a obra. Esses grupos se encontrarão periodicamente para socializar os debates.

- Grupo de estudo Cipó de Aroeira. Estamos finalizando a discussão da obra Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Hollanda, iniciaremos uma nova empreitada em breve. No mês passado, como parte das atividades do grupo Cipó de Aroeira, discutimos o filme de mesmo nome que o livro e, para completar, fizemos uma saborosa vaca atolada.

- Pretendemos criar um espaço para debates aprofundado sobre teoria política, econômica e filosófica. A idéia é aprofundar a compreensão da realidade presente do modo capitalista de produção, neste fórum discutiremos a conceituação da crise atual, as tendências que se colocam e outras questões correlatas.

O Espaço Cultural Mané Garrincha fica na Rua Silveira Martins nº 131, sala 11, Metrô Sé, São Paulo – SP.

Estão todos convidados para nossas atividades

E-mail: espaco.manegarrincha@hotmail.com

Sindicato ascensão e declínio de uma forma, que diz representar os trabalhadores!

No capitalismo a grande contradição existente é que uma minoria, um punhado de capitalistas, que nada produz, são proprietários das terras, das fábricas e dos meios de produção. A propriedade privada dos meios de produção possibilita à burguesia a exploração dos trabalhadores, uma maioria que nada possui, a não ser a sua força de trabalho e que é obrigado a alugá-la a um capitalista qualquer em troca de um salário. De um lado temos o patrão que visando aumentar cada vez mais sua riqueza tenta diminuir ao máximo o valor pago a cada trabalhador, aumentando ao máximo o seu lucro. Do outro temos o operário que tenta vender a sua força de trabalho pelo maior valor possível e com o seu salário tentará dar uma melhor condição de vida para si e para sua família, deixar de morar em um barraco, deixar de se vestir como mendigo, deixar de andar de chinelos, podendo comprar sapatos etc.

Nesta luta entre o capital x trabalho, um trabalhador lutando de forma isolada se torna presa fácil nas mãos do patrão, que além de ser dono dos meios de produção, também controla a força de trabalho que comprou. Ao ser contrariado pelo trabalhador, o patrão, além de humilhá-lo, poderá colocá-lo no olho da rua. Só a unidade entre os trabalhadores é que poderá evitar uma maior exploração por parte dos capitalistas. Neste confronto varias formas de resistência, de lutas e de organização foram criadas pelos trabalhadores, dentre elas o Ludismo (quebra das maquinas) a greve (paralisação do trabalho) as trade Unions que deram origem aos sindicatos. As trade Unions eram proibidas por lei e perseguidas pela policia e visando proteger-se da violência da burguesia os trabalhadores se organizavam de forma clandestina. Com o crescimento do numero de Trade unions dirigindo mais greves, mais protestos, a burguesia não tendo com quem negociar, já que elas eram clandestinas, não teve alternativa a não ser aprovar em 1824 a primeira lei sobre o direito de organização sindical. Outro avanço neste período será a organização de federações que unificam varias categorias, chegando a ter cerca de 100 mil membros. Mesmo com a legalização dos sindicatos a força policial continuará a ser acionada deixando um rastro de sangue em toda trajetória do movimento sindical. A legalização também permitirá identificar as lideranças, o que pode facilitar o trabalho de cooptação e corrupção, processo muito usado até hoje pelo patronato.



Além das lutas econômicas os trabalhadores participavam de ações políticas. Surge o movimento Cartista na Inglaterra que lutava por liberdade política e em outros países o proletariado também participara de ações políticas, sendo a Comuna de Paris um dos mais celebres. A luta do governo contra a Comuna durou uma semana, mais de 14 mil combatentes foram mortos na guerra ou foram sumariamente fuzilados, cinco mil operários foram deportados e outros cinco mil encarcerados. Varias foram as lutas visando a emancipação da classe trabalhadora: Na Rússia em 1905 e em 1917 na revolução, na Alemanha, em Turim etc.

Sindicalismo no Brasil após a era Vargas.

No Brasil todos os sindicatos estão legalizados, constituindo-se como parte integrante do Estado, cuidando em fragmentar os trabalhadores por datas base pré estabelecidas pela lei, por categorias, cada uma com seu sindicato, sua federação ou sua central sindical.

Atualmente, conforme registro do Ministério do Trabalho, existem no Brasil 38,6 milhões de trabalhadores com carteira assinada sendo que apenas 4,8 milhões (12,4%) são sindicalizados. Mesmo com um numero pequeno de trabalhadores filiados, tanto os sindicatos como as centrais sindicais engordam seus caixas com o dinheiro do imposto sindical. Hoje existem seis centrais sindicais legalizadas e irão receber nos próximos dias mais de 64 milhões de reais referentes ao imposto sindical. Esse valor é 21,95% maior do que as centrais embolsaram juntas no ano passado. A CUT central historicamente ligada ao Presidente LULA e ao PT receberá 21,25 milhões, a Força Sindical presidida pelo deputado federal Paulo Pereira (o Paulinho) receberá R$ 18,17 milhões, a central ligada ao ministro do Trabalho Carlos Lupi (PDT-RJ), a UGT (União Geral dos Trabalhadores), receberá R$ 10,61 milhões, a Nova Central Sindical receberá R$ 7,45 milhões, a CTB (Central dos Trabalhadores do Brasil) dos ditos "comunistas"

receberão R$ 3,7 milhões e a CGT (Central Geral dos Trabalhadores do Brasil) receberá R$2,84 milhões.

O numero de sindicatos que eram independentes também caiu de 4.170 em abril de 2008 para 3.575 em dezembro do mesmo ano. O dinheiro que as centrais receberam no ano passado foi gasto com a compra de sede, pagamento de dividas, viagens e também foi aplicado no mercado financeiro.

Tanto dinheiro e nenhuma luta!

Com a crise mundial vem o aumento do desemprego e conseqüentemente a diminuição da capacidade de barganha por parte dos trabalhadores. O medo do desemprego faz o trabalhador recuar, se tornando presa fácil para os patrões, que ansiosos por aumentar seus lucros estão propondo, para não demitir, a redução de salário, redução dos benefícios etc. É justamente em momentos de crise que a classe trabalhadora mais precisa lutar para defender o valor da sua força de trabalho. É justamente agora que eles mais precisavam das entidades que dizem representá-los. Como estas estão comprometidas com o governo, fica difícil para a classe se defender do ataque da burguesia. No governo LULA, um **EX-s**indicalista, não para de crescer o numero de sindicalistas ocupando cargos comissionados no Estado. É comum encontrarmos dentro do Estado deputados, senadores, vereadores, prefeitos ou governadores que são ou já foram sindicalistas. Hoje os sindicatos se transformaram em trampolins para o parlamento ou cargos executivos. Na atualidade os ditos comunistas, socialistas, etc estão dentro do Estado, ajudando a burguesia a sair de mais uma crise (PT, PC do B, PSB, P. SOL, PSTU etc).

A atuação desses partidos dá-se exclusivamente por dentro do Estado burguês, quer seja através do parlamento, do poder executivo ou dos sindicatos. Na Comuna de Paris, na revolução Russa, na guerra civil Espanhola etc., os trabalhadores lutaram pela sua emancipação visando a destruição do Estado Burguês e a construção do Estado dos trabalhadores, o Estado socialista.

Oposição Operária



Não à Reforma Educacional da Burguesia e de seus governos.

O direito à Educação como serviço público dos mais essenciais enfrenta mais uma vez uma política de ataque dos capitalistas.

Por meio de Decretos e Medidas Provisórias, os governos capitalistas propõem a 'mcdonaldização'da escola brasileira. O maior fast food do mundo é a principal referência de eficiência e de produtividade para a nova esfera que se constitui para a Educação, ou seja, a esfera do mercado.

Sob ingerência da agência Internacional BIRD, a Reforma Educacional reduz o tempo escolar dos níveis suplência primeiro grau e Ensino Médio. Neste último contraditoriamente ao que anuncia reduz número de disciplinas, reorganizando-as por áreas, flexibiliza 20% do currículo com aulas on-line e exige que o ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio - seja obrigatório para o recebimento do certificado de conclusão de curso sem a necessidade da freqüência assídua à escola.

A contratação de professores e sua formação no pacotaço da mercantilização da Educação também se tornam meramente mercadoria, e uma mercadoria barata já que não há investimento na qualificação do professor e em contrapartida tem-se um trabalhador com baixos salários e obrigado a capacitar-se de forma precária com cursos via on-line para a sua sobrevivência. Assim, a escola de formação proposta pelo governo do Estado de S. Paulo, nesta lógica empresarial, é a materialização da 'pedagogia fast food', que submete os trabalhadores a uma lógica de prestação de serviços e a precarização do regime de contratações, facilitando com isso a retirada de direitos trabalhistas.

Convocamos os educadores e trabalhadores que tenham compromisso com a escola Pública, Gratuita e de Qualidade para debatermos e enfrentarmos o desmanche da escola pública.

Educadores do Espaço Mané Garrincha

Que povo? Os de baixo, duma peleja ardente

O desenvolvimento da estrutura fundiária brasileira, desde a sua formação e espacialização do território como colônia de exploração portuguesa, é caracterizado pela forte concentração de terras, submetendo-se o campo ao latifúndio e por processos de expropriação do trabalhador rural. O pano de fundo, do antigo ao contemporaneo, é tingido de suor, sangue e lágrimas. Temos uma das maiores concentrações de terras em posse de latifundiarios do planeta, ficando atrás somente do Paraguai. Aqui em se plantando tudo dá, porém 1% da população detém 46% das terras agricultáveis.

Das capitanias hereditárias ao amargo das oligarquias do século XXI, uma maioria privada de recursos subordinava-se ao dono da terra, numa relação pautada por elementos semi-feudais determinados por condições econômicas capitalistas, com vínculos de patrão-empregado do tipo mandonismo, em um regime social no qual os servos somavam-se ao meio de produção, a posse da terra e a matéria-prima emoldurando-se como propriedade privada do latifundiário.

Agora, as feridas abertas recebem enxurrada do ardente etanol. Nunca antes na história deste país, os agro-business lucraram tanto com a produção açucareira, chegando a marca de 5,16 bilhões de litros exportados. A garantia do superávit na balança comercial brasileira é a força motriz que consolida o "aplauso" do Estado em relação ao fortalecimento do agronegócio no país. Os "herois usineiros" são os mesmos que desrespeitam as legislações ambientais destruindo a biodiversidade, impondo aos trabalhadores a dominação dos seus corpos e mentes pelo medo e condições precárias. Só em 2008, mais de 4,9 mil pessoas foram libertadas da situação de trabalho escravo no Brasil, quase todos em regiões pobres do norte e nordeste do país.

Entretanto, dá-se a contradição e nasce a luta. A situação dos camponêses também marcada por levantes populares que surgiram e ganharam força durante todos esses anos, com destaque para as Ligas Camponesas, que tem sua gênese no Engenho Galiléia nos anos 1950 lideradas por Francisco Julião. Isto pois, a relação do camponês é telúrica, intrínseca com o solo, água, flora e fauna. É nesse ambiente tradicionalmente que ele produz e reproduz a sua cultura, suas relações familiares e de sociedade inerente ao seu modo de vida.

Terra é um bem inalienável, *desusbstancializada* da produção humana, articulando a esse processo as formas de um ambiente que, antes de tudo, existe como condição natural ausente de

participação antrópica no seu processo de elaboração como matéria. Não há principios éticos que galgare os degraus dessa problemática. A resposta é encontrada nas resistências e estratégias de luta travada entre as relações de produção não-capitalista em meio aristogracia agrária. Assim dizia o velho João Guimarães, nesse território "anda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!"

André



Sarau da gente

(onde gente-coisa não entra)

Corria o julho paulistano, o frio fazia sua presença, as bocas traziam no bater dos dentes, baterias em miniaturas.

Era sábado, 25 do mês referido, a gente-coisa perambulava pela rua buscando uma função qualquer.

Passando por uma dessas ruas, a Silveira Martins, essa gente-coisa, tal qual o poeta na porta do Paraíso, mas por motivos bem distintos, deparou-se com uma placa no nº. 131, na sala 11 e seu dizer: TU NÃO PODES!

A indignação tomou conta. E já não era uma só, mas muitas e um pouco mais:

O professor com seu giz, médicos e seus bisturis.

O advogado armado em lei, o pedreiro com sua pá,

Um batalhão de garis. Mais atrás, buscando qualquer coisa, um aprendiz.

Lá dentro o sarau comia: gente recitava, gente cantava, gente bebia!

E também essa gente tinha o que fazer. E essa gente fazia!

Era gente que fazia coisas, mas era gente que não se coisificava, pois aprendera que: *a ternura não se perde jamais!*

E para você que não se coisificou, eis o nosso convite: será neste sábado, dia 25 de julho, a partir das 18h00min no Espaço Cultural Mané Garrincha com muita poesia, música brasileira, comes e bebes e aquele bate-papo com gente que tem tempo para o ouvir e tempo para o dizer.

Endereço: Rua Silveira Martins, 131, sala 11, centro de São Paulo. No metrô-sé, sair pelo Poupa-tempo.

Revolta

"Revolto-me, logo existo."

(Albert Camus, escritor e filósofo)



Cândido Portinari: Dom Quixote e Sancho Pança saindo para suas aventuras (1956)

VOZES Conscientizadas
- Luciano -

A voz que não se cala
E nem vai se calar
Insatisfação a manifestar
E um gemido na Consciência.
Vendo em toda estrutura
A superestrutura
Elaborando ideologia
Controlando mercadoria
A infra-estrutura miserável
subsistência.
Força motriz construidora
Transformando em toda
natureza
Qualquer forma de riqueza
E tornando-se excedente.
As coisas vão melhorar?
No amanhã que nunca virá
Só uma revolução consciente.
Uma força e outras forças
Muitas forças unificadas
São,também, mercadorias
Flexível e sucateada
Já no ímpeto de negar essa
coisa que te faz mal.
São vozes e muitas vozes
E todas as vozes
conscientizadas
Erguendo e dizendo não a
coisa precarizada
Soa o sino anunciando a morte
do capital.

Rosa
- Chico -

Sonhaste mulher:
marido, duas crianças
e a tranquilidade do lar.

Teus filhos cresceram.
Teus netos vieram.
Teus sonhos minguaram.
Teu homem morreu.

Descansa mulher.
Teu tempo tocado a talho,
esgota-se.

Foge mulher.
Leva tua face encarquilhada,
troféu forjado a coices de anos.

Murchas mulher.
Com tuas tetas flácidas,
esqueceste teu ofício de fêmea.

Levada na patada,
tua vida se esvai,
devagar, lentamente.
Morres mulher.

Para Alonso Quejada
- Chico –

Oh cavaleiro que não titubeia!
Oh ditoso guerreiro manchego!
Pelos prados,
pelas penhas,
vaga sua triste figura.

À mais formosa dama,
encomenda sua alma,
e arremete sereno.

Oh venturoso domador de gigantes,
seu halo luzente ofusca encantadores!

Oh patrono das glórias da cavalaria,
legítimo portador do Elmo de Mambrino!

Apequena os maiores,
uma simples carga de sua lança.

A fama de sua espada
corre os arroios da Ibéria.

Seu braço invencível estorva os tortos,
sua alcunha de aço ecoa.

Nas páginas de mármore da cavalaria,
inscreva com pena de bronze:
Dom Quixote de La Mancha!



Pablo Picasso: Dom Quixote (1955)